



A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DOS CONTEÚDOS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E DESAFIOS.

Ailana Dellis Oliveira Nogueira - *Universidade Estadual do Rio Grande do Norte* -
ailanaoliveira1@gmail.com

Daiane Duprat Serrano - *Universidade Estadual do Rio Grande do Norte* – daianeeduprat@bol.com

Ana Maria Morais Costa - *Universidade Estadual do Rio Grande do Norte* – ana.morais10@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho surgiu durante as discussões da disciplina laboratório de ensino de sociologia, no curso de licenciatura em ciências sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e, também, da experiência das autoras da pesquisa no Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UERN). É motivado pelo debate da reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos do ensino médio, através da Lei 11.684/2008. Tem por objetivo discutir a transposição didática dos conteúdos no ensino de Sociologia, considerando a carga horária disponível para uma disciplina permeada por idas e vindas. Como empiria assenta-se na experiência de docentes e discentes de quatro escolas de nível médio do sistema público de ensino na cidade de Mossoró/RN. A leitura dessas experiências foi embasada no diálogo com ALMEIDA (2012), ARROYO (1998), MORAES E GUIMARÃES (2010), dentre outros. O estudo afirma a relevância do ensino de Sociologia na educação básica e a pertinência da sua inserção no debate sobre a reestruturação da disciplina de temas como a carga horária, a transposição didática dos conteúdos e a educação no espaço escolar para além da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia, carga horária, didática.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Com o advento da Lei 11.684/2008 que alterou o artigo 36 da Lei 9.394/1996 (LDB), as disciplinas Sociologia e Filosofia passaram a compor o quadro de disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Assim, a sociologia encontra-se presente no rol de disciplinas do currículo da educação básica, com oferta, na maioria dos Estados, de uma aula por semana, totalizando 40 horas por ano e 120 horas em todo o Ensino Médio.

Nesse contexto, os desafios para a implementação da Sociologia no ensino médio tem estimulado férteis debates acadêmicos. Esse trabalho surge da discussão, no curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) sobre esses desafios e, da experiência das estudantes no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UERN). No desdobramento desse texto trazemos uma análise da relevância do ensino de sociologia no Ensino Médio a partir da perspectiva dos alunos e docentes de quatro escolas públicas de Mossoró e, ao mesmo tempo, algumas reflexões relacionadas ao desafio dos docentes na transposição didática dos conteúdos.

A vivência no chão da escola e o acompanhamento ao desafio dos docentes no ensino de sociologia nos despertaram para a necessidade do aprofundamento sobre a transposição didática dos conteúdos frente à disponibilidade de 50 minutos por semana numa sala de aula. Como os docentes de sociologia percebem essa questão? Quais limites e possibilidades identificam? Qual a presença deste debate na produção acadêmica sobre o ensino de sociologia?

A partir de tais questionamentos, fizemos uma varredura na produção acadêmica disponibilizada no Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LABES/UFRJ), no Laboratório de Ensino de Sociologia (LES/USP) e, nos anais do I e II Seminário Estadual de Formação de Professores de Sociologia para a Educação Básica (SESEB), promovido pelo Departamento de Ciências Sociais da UERN.

Numa amostra de 200 trabalhos, encontramos dois artigos que discutem essa questão como objetivo central da investigação, a saber: 45 minutos e 20 turmas: desafios do professor



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de sociologia, de autoria de Josemário da Silva Sousa, e Desafios da articulação entre teoria e prática docente da disciplina de sociologia no Ensino Médio, da autoria de Francisca Rosânia Ferreira de Almeida. Pouco mais de uma dezena de trabalhos discutem a temática da carga horária num conjunto de problemas e desafios na consolidação da oferta da disciplina. A maioria deles apresentam investigações sobre a fundamentação teórica, relevância da disciplina, currículo, livro didático, metodologias, temas/conteúdos, recursos didáticos, estágio, formação docente, dentre outros.

Constatamos, a partir dessa amostra que não obstante importante avanço na produção acadêmica sobre o ensino de sociologia registra-se ausência de reflexão sobre os desafios do (a) professor (a) na transposição didática¹ dos conteúdos, frente à carga horária disponível para o ensino de sociologia. Foi, portanto, com o objetivo de analisar essa questão a partir da percepção dos professores e das professoras que realizamos essa pesquisa. Buscamos identificar possíveis dificuldades em relação à carga horária da disciplina, a forma como administram o tempo para transmitir o conteúdo programado e os recursos adotados. Para este fim nos orientamos pela seguinte pergunta-guia: Como possibilitar a transposição didática dos conteúdos de sociologia com a disponibilidade de 50 minutos por semana em sala de aula? Para enriquecer o debate estendemos essa escuta aos estudantes sobre questões como relevância da disciplina de sociologia, permanência da sua oferta e carga horária disponível.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa em tela foi a realização de entrevistas semiestruturadas com quatro docentes de sociologia de escolas de ensino médio da rede pública de Mossoró/RN². As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2015 e gravadas em áudio. Entrevistamos também, por meio de um questionário fechado, sessenta

¹ Chamamos de transposição didática, o processo de articulação do conteúdo escolar por meio da conversão dos objetos do conhecimento em objetos de ensino. Este processo envolve escolhas e tratamento de temas, a partir das teorias e das práticas sociais, a sua aproximação à realidade social do estudante, recortes de conteúdos, metodologias, ou seja, planejar de que forma transformar o conhecimento a ser transmitido em conteúdo de ensino e construir um ambiente de aprendizagem eficaz.

² Foram entrevistados professores e alunos das seguintes escolas: Centro de Educação Integrada Prof. Eliseu Viana; Escola Estadual Governador Dix-Sept Rosado; Escola Estadual Prof. Abel Freire Coelho e Escola Estadual Professora Aída Ramalho Cortez Pereira



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discentes das mesmas escolas, sendo quinze estudantes de cada escola, considerando cinco estudantes por série do ensino médio.

Por ocasião deste artigo, os docentes receberam nomes de personagens de filmes relacionados à educação em razão do sigilo ético e proteção dos sujeitos envolvidos, mas também, para chamar atenção da potencialidade de filmes, músicas e poesias como recursos educativos. Foram selecionados quatro filmes cujos protagonistas são professores: 1) Além da sala de aula (direção Jeff Bleckner, 2011), cuja protagonista é a professora **Stacey Bess**; 2) Ao mestre, com carinho (direção James Clavell, 1967), protagonizado pelo professor **Thackeray**; 3) Escritores da Liberdade (direção Richard LaGravenese, 2007), com a professora **Gruwell** e O sorriso de Monalisa (direção Mike Newell, 2003), com a professora **Katharine Watson**.

Nos termos da LDB 9.394/1996, o currículo do Ensino Médio deve garantir ações que promovam a educação tecnológica básica, o entendimento do significado da ciência, das letras e, também, das artes; o processo histórico de constantes transformações pelos quais passam a sociedade e a cultura; a importância da língua portuguesa enquanto instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. O artigo 36, § 1º, da referida lei estabelece que os conteúdos, metodologias e formas de avaliação serão organizados sistematicamente, objetivando que o estudante, por ocasião da conclusão do ensino médio, demonstre domínio dos conhecimentos ali elencados, e, especificamente no inciso IV do artigo em tela, é destacada a relevância do ensino de Filosofia e Sociologia em todas as séries do ensino médio, reconhecendo a importância desses saberes para o exercício da cidadania.

Compreendemos que a relação conhecimento de sociologia e exercício da cidadania não é imediata, nem exclusiva da sociologia e da educação escolar. Há na sociedade diversos espaços sociais de formação e vivência da cidadania que são educativos. Reconhecemos, porém, que o princípio da educação para a cidadania como um Preceito Legal representa uma perspectiva relevante para a consolidação do ensino de sociologia.

Este reconhecimento apresenta-se também no entendimento dos discentes entrevistados por esta pesquisa. Do total de 60 estudantes: 96,6% deles afirmam a relevância dos conteúdos de sociologia para a formação cidadã; 66,6% destacam que a sociologia ocupa uma posição de igual importância em relação às demais disciplinas; 70% consideram as aulas



de sociologia interessantes e 83% defendem a sua continuidade no Ensino Médio.

Pode-se arguir que, embora a educação para a cidadania não chegue aos estudantes da educação básica somente por meio da educação escolar, este é um espaço privilegiado. Conforme destaca o documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

[...] sempre estão presentes nos conteúdos de Sociologia temas ligados à cidadania, à política [...], a participação comunitária, com questões sobre partidos políticos e eleições, etc. Talvez o que se tenha em Sociologia é que essa expectativa – preparar para a cidadania – ganhe contornos mais objetivos a partir dos conteúdos clássicos ou contemporâneos – temas e autores. (BRASIL/MEC/SEB, 2006, pp. 104).

Na maioria das escolas do Brasil, a Sociologia dispõe da carga horária de uma aula semanal em cada uma das turmas das três séries do ensino médio. Esta situação se repete no Rio Grande do Norte. Conforme os docentes entrevistados, o tempo de 50 minutos (45 para o período noturno) destinado à aula de sociologia é muito curto para que se possa desenvolver o conteúdo planejado. Uma das nossas entrevistadas, a professora Katherine Watson afirma: “nunca dá para concluir o que foi planejado”.

Além de ser um tempo insuficiente, não se pode olvidar aqui, a ocorrência de atrasos, como por exemplo, o deslocamento de uma sala para outra, o tempo destinado à chamada dos alunos e as interrupções por motivos variados. Nesse sentido, a professora Erin Gruwell, entrevistada nessa pesquisa destaca que:

Acontecem os atrasos da chegada à sala de aula. Tem questão burocrática mesmo, de ter que fazer chamada, às vezes organizar a sala pra alguma atividade que o professor queira fazer... Enfim, todo dia perde-se em média de 5 a 10 minutos com trabalhos de organização de sala, pra poder, o conteúdo em si, começar.

Na esteira desse raciocínio, Stacey Bess afirma em sua entrevista que:

[...] é insuficiente tanto a carga horária completa quanto na semana, porque o conteúdo programático é bem extenso e a gente não consegue nem dar a metade e também quando a gente tenta usar outros recursos metodológicos, como audiovisual e etc., a gente perde certo tempo na aula. E quando se perde esse tempo compromete mais ainda o andamento das atividades. E, também, a carga horária total de 40 horas, tendo em vista a carga horária de português que é 120 ao ano, quer dizer, é 1/3, não é? Sociologia é 1/3 de português e isso torna a sociologia, no quadro das outras disciplinas, inferiorizada.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É relevante sublinhar que a reduzida carga horária impossibilita o cumprimento dos conteúdos propostos nas Orientações Curriculares para o ensino médio. O documento apresenta além dos conteúdos da sociologia, conteúdos da Antropologia e da ciência Política. O mesmo ocorre com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que:

Estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. (BRASIL, 1999, p. 318).

A reduzida carga horária da Sociologia impõe aos professores que queiram lecionar apenas esse componente curricular a trabalhar em outras escolas para poder completá-la. Para o professor Thackeray, a questão não se resume apenas ao tempo de 50 minutos destinados à sociologia, que para ele não é ideal para nenhuma disciplina. Situa a sua fala num contexto mais amplo da sobrecarga de atividades do professor:

O problema está na sobrecarga de horas/atividades que o professor é obrigado a ter para poder manter o seu padrão de qualidade de vida e isto prejudica o desempenho de sala de aula [...]. Por exemplo, se nós tivéssemos 3hs/aulas para sociologia, daria 150min, teoricamente seria um tempo suficiente, eu daria três aulas para sociologia, mas se nós tivéssemos três aulas consecutivas em uma turma, seria o ideal também? Não seria. Então, nem tanto, nem tão pouco. A questão é quantas vezes você entra por semana, quanto tempo você tem para fazer os seus planejamentos e como é o modelo escolar que a gente tem. Então, se a gente tivesse três aulas por semana para sociologia, ou mesmo que fossem cinco aulas, para igualar com matemática e português, nós resolveríamos o problema? Estaríamos formando pessoas mais críticas, mais aptas ao estudo da sociologia? Não resolveríamos. O problema não se passa apenas pelo fato de ser 50min ou uma aula, há uma série de outras situações que envolvem a forma como está acomodada a educação, o modelo educacional em que nós vivemos.

O professor Mark Thackeray apresenta questões como a impossibilidade do professor realizar o que foi planejado, para retirar dúvidas e debater os assuntos ministrados em aula com a participação dos estudantes. Argumenta que se a sociologia tivesse a mesma carga horária de história, duas aulas semanais, seriam 80 aulas por ano, 240 no ensino médio.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diante disto, ele afirma: “O professor teria mais tempo no seu planejamento para incluir uma pesquisa, para fazer o estudo de alguns conceitos, para desenvolver projetos científicos na área de humanas, ficaria menos engessado”. Como principal motivo, considera a forma como é estruturada a avaliação do ensino médio.

Seu posicionamento reafirma o que diz Almeida (2012), ao entender que esse modelo de carga horária “inviabiliza a promoção de debates e discussões mais aprofundadas durante as aulas, pois diminuem a participação dos alunos, decrescendo assim o estímulo ao pensamento crítico em relação aos temas propostos”. Como consequência, tem-se, de forma uníssona, a reclamação da sobrecarga de trabalho entre os professores da disciplina, diretamente relacionada ao grande número de turmas que precisam assumir para completar sua carga horária; ou seja, quanto mais turmas, mais questões burocráticas a serem resolvidas. Não bastassem todos esses desafios, o professor também precisa se submeter aos diferentes regulamentos dos vários estabelecimentos em que leciona, a exemplo das questões relacionadas aos horários das aulas, calendário das atividades, planejamento, avaliações, dentre outras.

Inferimos, a partir das leituras realizadas sobre a sociologia no Ensino Médio e da escuta aos docentes – sujeitos desta pesquisa – que a transposição didática dos conteúdos de sociologia se torna uma tarefa bastante desafiadora frente à reduzida carga horária e, conseqüentemente, ao acúmulo de turmas que o professor é obrigado a assumir. Embora todos concordem que a mudança na carga horária seria muito satisfatória, acreditam que esta possibilidade é muito difícil de ser concretizada; porém nas suas falas apontam algumas sugestões. Para a professora Stacey Bess, uma mudança em curto prazo poderia ser com um novo modelo de organização do ensino médio:

Eu acho que a carga horária teria que ser aumentada para, pelo menos, duas horas e deveria ser no sistema de módulos: você paga sociologia, a carga horária completa, depois você vai pagar filosofia, a carga horária completa, depois paga biologia. A oferta por módulos possibilitaria que a gente não ficasse com os conteúdos fracionados.

Stacey também argumenta que o aumento da carga horária afirmaria a relevância da

disciplina para além do ENEM e, desse modo, poderia haver, por parte dos estudantes e dos professores de outras disciplinas, maior valorização:

Os meninos dizem: “ah, eu não vou assistir aula, só tem uma aula!”. [...] Ele desvaloriza a disciplina por isso, porque é só uma aula. Até um professor se dirigiu a mim e dizendo que tanto faz o professor se empenhar ou não em dar uma boa aula de sociologia porque sociologia não cai no ENEM. Eu penso que dessa forma o professor não estaria contribuindo para a formação dos alunos, porque o objetivo do ensino médio não é só preparar para o ENEM, não é essa minha visão. A questão é, se os alunos não querem nada mesmo, eu vou continuar insistindo neles? Eu percebo que a sociologia diz que sim, que devo continuar insistindo neles. Porque se eles não querem é porque não sabem que necessitam daquilo ali. Então eu não posso desistir desse aluno. Eu tenho que continuar insistindo nele, mesmo dando conteúdo que não vai cair no ENEM. Esta é a minha visão.

A professora Erin Gruwell também acredita que a mudança da carga horária é algo difícil de acontecer, uma vez que envolve toda uma estrutura já sedimentada. Segundo ela:

[...] essa mudança de carga horária é difícil de acontecer porque pra você mudar, tem que mexer com todas as outras disciplinas, mexer com todo o sistema, aí vai envolver salário, vai envolver mais tempo em sala de aula, vai envolver a vida particular de vários outros professores, [...] isso significa que todos os professores terão que passar mais tempo na escola também. Nesse caso, o professor que trabalha dois horários, como é que fica? Vai aumentar o período dentro da escola, tem que tirar carga horária de outras disciplinas, como por exemplo, de português e matemática que são disciplinas com maior carga horária para poder encaixar a aula de sociologia. Aí, como é que fica? Porque sociologia tem uma aula, mas filosofia, espanhol e artes também. Então, mudar a carga horária de sociologia abre espaço pra mudança das outras disciplinas que também são só uma aula. É uma mudança necessária, importante, mas é a mais difícil de acontecer”.

Gruwell complementa seu argumento no sentido de que se não há uma carga horária suficiente, deve-se encontrar alguma forma para superar essas dificuldades relacionadas ao tempo em sala de aula e aproveitar da melhor forma possível o tempo disponível para a disciplina. Para ela, “isso é algo muito singular, vai depender muito de cada realidade. É um trabalho que só o professor vai ter como se encontrar nesse sentido, mas, no geral, a perda é inevitável”. Na sua entrevista, a professora Gruwell é enfática ao afirmar que:

“[...] dentro das aulas de sociologia, quando você pensa numa inovação, ela, de cara, vai lhe dar muito trabalho. Vai ter primeiro toda aquela fase de adaptação pra poder você tentar repetir alguma coisa. Até em ler os conteúdos é difícil, porque se você for esperar o tempo do aluno pra ele ler, você gasta umas três, quatro aulas pra



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

terminar de ler um capítulo porque eles têm ritmos de leituras diferentes.

É necessário ressaltar que, na transposição de conteúdos e práticas de ensino de nível superior para o ensino médio, é indispensável que o professor faça as adaptações necessárias para ajustar o conteúdo a ser lecionado, uma vez que se trata de um público de adolescentes e jovens que nunca tiveram contato com a disciplina. Daí a importância de se valer de estratégias de ensino e fazer os recortes necessários. A grande questão é que a carga horária de uma aula semanal e a indisponibilidade de carga horária para o professor realizar atividades extra sala de aula comprometem sobremaneira a tarefa do professor, como destaca a professora Katherine Watson, que defende a necessidade de uma mudança geral do currículo no Ensino Médio:

Tudo tem que ser enxugado, você não pode usar, por exemplo, diversos recursos áudio visual. Filmes têm que ser pequenos. [...] O tempo que você usar para montar o projetor você já está tirando tempo da aula, então influencia em praticamente tudo. [...] Só pode ser feita uma mudança na quantidade de hora/aula se fizer uma mudança no currículo geral da escola. Existem várias disciplinas que não contemplam a hora/aula, por isso é necessário que haja uma mudança, talvez se acrescentando mais uma aula por dia.

Ainda sobre o desafio da transposição didática de um conteúdo denso para ser trabalhado em 50 minutos, em uma única aula semanal, a professora Gruwell enfatiza:

[...] na tentativa de melhorar a prática, eu creio que outra coisa seria ter mais tempo fora de aula, como, por exemplo, ter mais tempo para discutir com a coordenação pedagógica, por exemplo, a dificuldade que teve numa determinada aula, ou em pensar num modo de auto avaliação do aluno, de ouvir o aluno; e fazer uma análise mesmo da própria prática. Mas eu creio que esse tempo de planejamento, de repensar, de dialogar sobre a aula, de anotar as características de cada turma, que a gente não tem... E, assim, ir pensando em práticas, em trocas de experiências: “ah, eu fiz isso na minha turma e deu certo”. Eu acho que é uma questão mesmo de tempo de pesquisa e diagnóstico do professor, eu creio até que dentro da nossa formação isso deveria ser visto de uma forma mais atenciosa.

Igualmente, para Gruwell e os demais professores, o planejamento das atividades escolares merece destaque, incluindo aí, os conteúdos, objetivos, metodologias e avaliações. Para eles (as), o planejamento é uma ferramenta importante, já que, através dele, o professor



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pode se utilizar de estratégias que aproximem o real do ideal, no cotidiano da sala de aula. É no planejamento que ocorre a tomada de decisões acerca da transposição didática dos conteúdos, quais conceitos são fundamentais e aproximam-se da realidade social do estudante e possibilitam um diálogo crítico e criativo na aplicação desses conceitos.

Outro aspecto a ser considerado na carga horária docente é a necessidade da educação no espaço escolar para além da sala de aula, ou seja, o professor deve buscar alternativas às formas tradicionais de transmissão dos conteúdos. Mesmo que a aula expositiva (dentro da sala) ainda seja o método mais utilizado, ele não é o único. Os professores podem trabalhar os conteúdos de sociologia de diversas formas, como por exemplo, realizar pesquisas de campo, como meio para compreensão e desnaturalização dos fenômenos sociais e para aproximar o aluno da pesquisa científica. Bem como o exercício da interdisciplinaridade na abordagem de conteúdos que se interpenetrem com as outras áreas do conhecimento humano, proporcionando a construção de olhares diferenciados sobre a realidade na qual esses jovens estão inseridos.

Neste sentido, Arroyo (1998, p. 147) concebe a educação como uma esfera que ultrapassa os muros da escola. Em sua concepção alargada e universal de educação, o autor estabelece que, *in verbis*:

[...] a escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura. O fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais, em outras instituições, nas fábricas, nas igrejas e terreiros, nas famílias e empresas, na rua e nos tempos de lazer, de celebração e comemoração, no trabalho [...] a educação acontece de formas muito diferenciadas.

O fato é que, independentemente da metodologia a ser aplicada em sala, o professor deve estar devidamente preparado para dar a sua aula, com estratégias de ensino já previamente consolidadas antes de iniciá-la. Este processo ocorre por meio da preparação do professor em espaço extra sala de aula que precisa ser considerado na carga horária do docente de sociologia.

Conforme Katherine Watson, o professor de sociologia tem um papel protagonista no que diz respeito à potencialização dos conteúdos a serem lecionados em sala. Em sua opinião,



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

os professores devem estar em constante formação e bem preparados para que a disciplina consiga fluir e atingir a sua finalidade: “Eu acho que para a gente ter melhorias na educação hoje, só formando novamente os profissionais que nós já temos”, assevera Watson.

CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa percebemos que as dificuldades vivenciadas pelos docentes de sociologia no ensino médio estão intrinsecamente ligadas à trajetória intermitente da disciplina e ao seu recente retorno, através da Lei 11.684/2008, como componente curricular obrigatório. Desta forma, a inserção nos objetivos do ensino médio, do princípio de educar para a cidadania, ainda não está assimilada como tarefa pedagógica fundamental no campo educacional que ainda prioriza, sobretudo, a formação para o acesso ao Ensino Superior, materializada nas provas do ENEM, cuja estrutura direciona o senso comum para a valorização de determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras.

Verificamos no estudo em tela que os docentes de sociologia de escolas públicas em Mossoró realizam um esforço em desempenhar o seu trabalho com qualidade, afirmando a presença da sociologia na escola. Defendem a ampliação da carga horária em sala de aula, mas também, a garantia de carga horária para atividades no espaço escolar e extramuros da escola, cumprindo com o preceito legal da contribuição dos conteúdos de sociologia para a formação cidadã e compreensão da realidade social.

Percebem que a carga horária para além da sala de aula contribuiria para a realização de um planejamento transdisciplinar e integrador, com vistas a congregar professores de outras disciplinas na perspectiva de desenvolver atividades em conjunto, bem como os próprios alunos, no que diz respeito às metodologias a serem aplicadas nas aulas, aos recursos didáticos disponibilizados, aos objetivos a serem alcançados no decorrer da disciplina, sobre as formas de avaliação que irão se valer os professores.

Por derradeiro, compreendemos, a partir das entrevistas, que os docentes alegam a necessidade de algumas condições para o desempenho satisfatório da sua ação como, por exemplo: condições dignas de trabalho – englobando tempo para estudar e preparar as aulas,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

formação continuada e estímulo para a pesquisa científica, condições materiais para comprar livros e se atualizar, reconhecimento e valorização profissional para que possam ter uma vida digna, igualmente as demais profissões. Afinal, é o professor que forma o advogado, o engenheiro, o médico, o dentista, enfim, todas as profissões. Em que pese à sociologia ainda ocupar uma carga horária reduzida em relação às demais disciplinas, sua presença deve ser consolidada em definitivo no currículo do ensino médio por todas as razões aqui já elencadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francisca Rosânia Ferreira de. **Desafios da articulação entre teoria e prática docente da disciplina de sociologia no ensino médio**. Revista Percursos, v. 13, n. 01, p. 154 - 167 jan/jun. Florianópolis, 2012.

ARROYO, Miguel. **Trabalho, educação e teoria pedagógica**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB. Lei 9.394/96**. Brasília, 1997.

_____, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Bases Legais**, Brasília: MEC, 2000.

_____, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília, MEC/SEB: 2006

LOURENÇO, Júlio César. **Finalidades, Metodologias e Perspectivas do Ensino de Sociologia no Ensino Médio**. Revista Habitus UERJ – Period.: Semestral / ISSN: 1809-7065 / Vol. 6 - Nº 1 – 2008.

MORAES, Amaury Cesar. GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. **Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia**. In: MORAES (coord.) Sociologia: ensino Médio. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2010.

SOUSA, Josemário Silva. **45 minutos e 20 turmas: desafios do professor de sociologia**. 2º Seminário Estadual de Formação de Professores de Sociologia para Educação Básica, Mossoró 2014. In: www.seseb.blogspot.com.br .